



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

NATÁLIA FERREIRA BOTELHO

**A ATUAÇÃO DE PEDAGOGAS E PEDAGOGOS EM PRÁTICAS CULTURAIS:
UM CAMPO DE POSSIBILIDADES**

BRASÍLIA
2020

NATÁLIA FERREIRA BOTELHO

**A ATUAÇÃO DE PEDAGOGAS E PEDAGOGOS EM PRÁTICAS CULTURAIS:
UM CAMPO DE POSSIBILIDADES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação como exigência final para obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Lima Martins Pederiva

Monitora: Ellen Elizabeth da Silva Dantas

BRASÍLIA

2020

TERMO DE APROVAÇÃO

Natália Ferreira Botelho

A ATUAÇÃO DE PEDAGOGAS E PEDAGOGOS EM PRÁTICAS CULTURAIS: UM CAMPO DE POSSIBILIDADES

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do grau de Pedagoga. Apresentação ocorrida em 16/12/2020.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva – Presidente/Orientadora
Departamento de Métodos e Técnicas (FE/UnB)

M.^a Josiane Santana Ribeiro - Examinadora
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF)

Max Maciel Cavalcanti - Examinador
Rede Urbana de Ações Socioculturais (RUAS)

M.^a Alessandra Marques Possebon - Suplente
Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educativas/PPGE (FE/UnB)

BRASÍLIA

2020

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

Ferreira Botelho, Natália

A Atuação de Pedagogas e Pedagogos em Práticas Culturais: um campo de possibilidades / Natália Ferreira Botelho;

Orientadora Patrícia Lima Martins Pederiva. -- Brasília, 2020. 41 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de Brasília, 2020.

1. Pedagogia. 2. práticas culturais. 3. curadoria pedagógica. 4. mediação cultural.
5. atividades formativas.

I. Lima Martins Pederiva, Patrícia.

“A beleza deve deixar de ser uma coisa rara e própria das festas para se transformar em uma exigência da vida cotidiana, e o esforço criativo deve impregnar cada movimento, cada palavra e cada sorriso da criança”

(VYGOTSKY, 1925, p. 239)

AGRADECIMENTOS

Sendo necessariamente clichê, e muito feliz em poder escrever a quem agradeço por ter chegado até aqui.

Agradeço à minha mãe, meu pai e à Jana por terem plantado a semente da importância do estudo na minha vida, desde o início da minha jornada pela vida escolar e por todo suporte objetivo e subjetivo proporcionado para que eu chegasse à universidade.

Ao Felipe, razão soberana da minha força para continuar levantando cedo nos dias mais difíceis e após as noites mais cansativas. Obrigada filho, por ser meu parceiro nas aventuras da vida.

À professora Patrícia e aos colegas com quem dividi o processo de escrita deste trabalho, pela acolhida, acompanhamento respeitoso e carinhoso. Pat, o seu olhar me traz inspiração para continuar pesquisando.

Às pessoas que compõem a banca avaliadora, por aceitarem o convite para participar e se disporem a ler e colaborar com o trabalho.

Às minhas parceiras de vida, que estão comigo em todos os momentos de trabalho e de rolês: Ceci, Jess, Mari, Marina, Renata e Sammara. Vocês são forças impulsionadoras por serem quem são.

À Bia, pela irmandade construída nesses anos de amizade e por todo compartilhamento das experiências acadêmicas nesse último período. Minhas conquistas também são suas, e hoje junto ao Omar, somos família.

Ao Rafael, pela parceria e companheirismo imensos, que esteve comigo nessa caminhada, neste ano de isolamento social e muitos desafios.

À Rede Urbana de Ações Socioculturais, e todas as companheiras e companheiros que compõem esta organização, com quem divido ideias, planos e projetos que me movimentam. Em especial, ao Nenzin, que faz parte deste trabalho de forma singular. Juntos na luta pelo direito à cidade e pelo fazer cultural periférico.

Às minhas vivências que construíram a pessoa que sou e àqueles que viveram comigo. Penso em muitas amigas e amigos enquanto escrevo e sem dúvida sou um pouco de cada um.

E por último, agradeço a quem antes de mim lutou pelo direito à educação pública e gratuita, para que hoje eu pudesse estar nesta universidade. Universidade

de Brasília, que acolhe tantos sonhos coletivos, que convida à reflexão e à possibilidade de construir um mundo mais justo e humano através da educação. Sou imensamente grata em compor esse espaço e espero devolver à sociedade o que me foi oferecido aqui, assim como espero seguir lutando para que mais pessoas possam estar aqui também.

RESUMO

Este trabalho propõe a discussão sobre a atuação de pedagogues em práticas culturais. Está organizado em três capítulos denominados “Conhecendo Projetos Culturais”, “A atuação de pedagogues e seus campos de possibilidades” e “Experiência pedagógica nos projetos culturais”. A hipótese defendida é de que pedagogues podem contribuir na área cultural como curadores, mediadores e organizadores de atividades educativas e culturais. Logo, os objetivos do trabalho foram analisar como os projetos culturais se organizam pedagogicamente, evidenciar quais são os processos educativos nos projetos culturais e elencar as atividades que podem ser realizadas por pessoas com formação em Pedagogia. A partir de revisão bibliográfica no campo da arte e educação com autores, tais como Libâneo (2001) e Freire (1996), foi possível delinear base teórica para tais atuações acontecerem. Por meio de metodologia autonarrativa, analisa-se as práticas presentes na trajetória profissional da autora em consonância com o curso de Pedagogia.

Palavras-chaves: pedagogia; práticas culturais; curadoria pedagógica; mediação cultural; atividades formativas;

ABSTRACT

This work proposes a discussion about the role of pedagogues in cultural practices. It is organized in three chapters called “Knowing Cultural Projects”, “The role of pedagogues and their fields of possibilities” and “Pedagogical experience in cultural projects”. The defended hypothesis is that pedagogues can contribute to the cultural area as curators, mediators, and organizers of educational and cultural activities. Therefore, the goals of the work are to analyze how cultural projects are organized pedagogically, highlight what are the educational processes in cultural projects and list the activities that can be carried out by people trained in Pedagogy. Based on a literature review in the field of art and education with authors, such as Libâneo (2001) and Freire (1996), it was possible to outline a theoretical basis for such actions to take place. Through self-narrative methodology, the professional practices present in the author's professional trajectory are analyzed in line with the Pedagogy course.

Key words: pedagogy; cultural practices, pedagogical curatorship; cultural mediation; formative activities

LISTA DE SIGLAS

CNE/CP - Conselho Nacional de Educação/Componentes Curriculares

LOC - Lei Orgânica de Cultura do Distrito Federal

MERCOSUL - Mercado Comum Sul

PRONAC - Programa Nacional de Apoio à Cultura

RA - Região Administrativa

RJ - Rio de Janeiro

RUAS - Rede Urbana de Ações Socioculturais

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

TEDx - Tecnologia, Entretenimento e Design

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 CONHECENDO PROJETOS CULTURAIS.....	17
1.1 Atividades educativas em projetos culturais.....	21
2 A ATUAÇÃO DE PEDAGOGUES E SEUS CAMPOS DE POSSIBILIDADES..	27
3 EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NOS PROJETOS CULTURAIS.....	31
CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

O fazer artístico não fazia parte da minha vida cotidiana, o que houve primeiro, foram experiências na militância política organizada como ferramenta de transformação: atuação em entidades estudantis, intervenções públicas como manifestações, reuniões com representantes do Estado a fim de reivindicar mudanças e etc.

Certa ocasião, ao participar de um evento cultural em uma escola pública na Região Administrativa (RA) de Santa Maria-DF em 2015, pude conhecer outras possibilidades de diálogo e de construção política. Foi apoiada pela linguagem do Rap que pude me conectar com adolescentes em vulnerabilidade socioeconômica para dialogar sobre violência, educação e segurança pública.

Em 2015, como militante de uma organização política de jovens, colaborei com o planejamento de um evento cultural contra a redução da maioria penal, chamado “A Cena Hip Hop” que, em sua programação, contou com o show do rapper GOG e com uma edição da “Batalha da Santinha”, batalha de rimas improvisadas que acontecia na RA de Santa Maria-DF. A partir dessa experiência, fui convidada a contribuir com a organização das edições mensais da Batalha.

Envolvida com essas iniciativas, meu interesse em entender sobre produção de eventos cresceu e busquei estudar sobre a área. O que fez com que eu me inscrevesse em uma oficina de produção de eventos oferecida pelo festival “Elemento em Movimento”, projeto sociocultural realizado na RA de Ceilândia, onde é promovida formação técnica para atuação no mercado cultural, por meio de oficinas de curta duração. Como estágio da oficina, fui voluntária no Festival, ainda em 2015.

Foram dois dias de trabalho dando suporte aos shows (cuidando do camarim, credenciamento, etc). E fiquei encantada e intrigada com tudo que estava acontecendo. Era um projeto que se propunha a proporcionar lazer, arte e cultura para uma região estigmatizada como “não cultural”, de forma gratuita e com toda a qualidade que um evento pago na zona central de Brasília oferece.

Depois dessa experiência, trabalhei em outros festivais de música pelo DF, ao mesmo tempo em que comecei a acompanhar de perto o trabalho da organização

que produz o “Elemento em Movimento”, a Rede Urbana de Ações Socioculturais (RUAS) e o programa gerido pela organização, “Jovem de Expressão”.

Entendi que o que era proposto por meio do festival, era o empoderamento da juventude periférica, protagonismo de suas próprias histórias, ocupação e humanização dos espaços públicos e capacitação em áreas de conhecimento em que havia interesse, mas não havia oportunidade de oferta para as pessoas da periferia.

Quando finalizei o voluntariado no Elemento em Movimento, co-criei um coletivo de produção de eventos denominado como “Pé de Ipê”. Junto com minhas colegas do curso de Produção de Eventos, nos propusemos a prestar serviços de produção executiva para eventos culturais. Por meio do coletivo Pé de Ipê, ainda no ano de 2015, participei do “Satélite 061”, “Festival Internacional de Danças Urbanas Batom Battle” e “Festival Brasília de Cultura Popular”.

Ao conhecer outros projetos culturais a partir dos bastidores, me senti muito tocada ao ver como era único o impacto de cada trabalho artístico, tanto para o artista, quanto para o espectador. As motivações, pesquisas, concepções que se desenham por trás de cada roteiro ou curadoria, são resultado de um mundo de experiências vividas por cada pessoa.

A natureza dos homens faz com ele possa ter gostos e conceitos estéticos. As condições que o cercam determinam a transformação dessa possibilidade em realidade. Por elas se explica que determinado homem social (isto é, dada a sociedade, dado povo, dada classe) tenham justamente esses e não outros gostos e conceitos estéticos... (VYGOTSKY 2001, p. 10).

Com a experiência na área de produção de eventos, tive a oportunidade de participar de novos projetos nos anos seguintes, tais como “Brasília Rock de Arena” (2016), “TEDx Brasília (2016)”, “Móveis Convida Edição PicNik” (2017), “Festival Taguatinga de Cinema” (2017) e “Festival Porão do Rock” (2017).

Em 2018, fui convidada a fazer a produção local do projeto “Festival Internacional Pequeno Cineasta” (RJ), em que fui responsável por supervisionar oficinas de produção audiovisual para crianças. **Acompanhar o desenvolvimento desse projeto, que resultou em um curta produzido por crianças, me**

possibilitou exercitar práticas pedagógicas discutidas e aprendidas durante a graduação em Pedagogia, junto ao meu trabalho como produtora.

Em seguida, fui trabalhar na produtora Desvio Produções, onde era responsável pela assistência de espetáculos teatrais e pela gestão de projetos culturais em diversas linguagens. Foi nesse momento, já caminhando para o final da graduação, que comecei a me perguntar com mais frequência sobre como seria meu futuro profissional, sendo formada em Pedagogia e, trabalhando fora do ambiente formal de educação, que é o caminho comum para a maior parte pessoas com formação em Pedagogia.

Em sincronia com meus questionamentos, pude acompanhar de perto, projetos que tinham atividades pedagógicas como objetivos principais: programas educativos de mediação cultural, treinamento de equipes pedagógicas, oficinas de profissionalização na área de arte e cultura. Com isso, conheci professoras e estudantes da pós-graduação da Universidade de Brasília que atuavam nesses projetos como produtoras/organizadoras de eventos.

Esses acontecimentos me fizeram cristalizar a vontade de pesquisar sobre profissionais da pedagogia que atuam em projetos culturais como trabalho de conclusão de curso, buscando unir os laços entre meu trabalho e meu campo de estudo.

A fim também de encontrar respostas que fortalecem as ideias propostas neste trabalho, ou seja, de que ele dialoga diretamente com a Pedagogia, **indico a possibilidade de, enquanto pedagoga, trabalhar em projetos culturais**, sem me sentir fora do meu campo de estudo por não estar em um ambiente formal de escolarização.

Parto do pressuposto, com base em minha vivência com projetos culturais, de que **temos diversos profissionais da pedagogia participando da elaboração e execução de projetos culturais, tanto em áreas estritamente pedagógicas, como contribuindo de outras maneiras**

A hipótese que levanto neste trabalho é a de que **é enriquecedora a presença de profissionais de Pedagogia formulando cursos, e outros processos pedagógicos nos projetos culturais.**

E, a partir da minha experiência enquanto pedagoga em formação, apontarei a experiência pedagógica na ação cultural através do caminho metodológico da autonarrativa (CUNHA, 2009).

O DF conta com uma infinidade de projetos culturais fomentados pelo Estado. A oferta de cursos, oficinas e workshops são contínuas, e, com base nessas experiências, visualizo essas iniciativas como um campo de atuação de pedagogas e pedagogos.

Assim, o **objetivo geral** deste trabalho é **demonstrar como pedagogas e pedagogos contribuem e as possibilidades de atuação em projetos culturais. Os objetivos específicos são analisar como os projetos culturais são organizados pedagogicamente, evidenciar os processos educativos dos projetos culturais e elencar as atividades que podem ser realizadas por pessoas com formação em Pedagogia;**

Para realizar essa pesquisa, irei narrar minha atuação em projetos pedagógicos, compartilhando os modos em que essa atuação pode acontecer.

A escolha metodológica se justifica pela importância do percurso profissional e a prática exercida para investigação do campo profissional.

De fato, a escrita da narrativa oportuniza aos professores participantes do estudo um mergulho interior, proporcionado não apenas pela leitura, mas sobretudo pela escrita de suas lembranças e experiências formadoras, refletindo de maneira consciente sobre os acontecimentos que realmente contribuíram para sua formação pessoal e profissional. (CUNHA, 2009, p. 10)

Trarei para o trabalho, relatos de experiências profissionais em consonância com o curso de Pedagogia, bem como o destaque de documentos técnicos elaborados por mim ou com minha colaboração.

Este trabalho adotará a linguagem neutra, bem como equitativa para referências aos profissionais de Pedagogia: pedagogues, pessoas com formação em Pedagogia.

A equidade de gênero na linguagem só será garantida a partir do momento em que se repensar a forma como o tema é tratado nos ambientes educacionais, hoje disseminadores da dominação masculina nos discursos, principalmente quando não identificado o sexo da pessoa a quem se refere (GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2014, p. 13).

O trabalho está estruturado em três partes, onde na primeira parte será apresentado o conceito de projetos culturais e suas subcategorias. Neste momento o

leitor será apresentado ao campo das práticas artístico-culturais e poderá entender seu funcionamento.

Na segunda parte, irei discorrer sobre a atuação de pedagogues e seus campos de possibilidades, abrangendo os espaços escolarizados e também os espaços não-formais de educação.

E no terceiro momento, trarei a experiência pedagógica em projetos culturais. Nesta parte da discussão, serão apresentadas experiências dentro de projetos culturais onde pedagogues podem contribuir a partir de ações vivenciadas por mim.

1. CONHECENDO PROJETOS CULTURAIS

Trazer o termo cultura para esse trabalho se torna um desafio por sua conceituação que pode se referir tanto a um conjunto de costumes de uma sociedade, quanto para se falar de manifestações artísticas.

O que delimito como cultura neste trabalho é um sentido estrito dos termos “cultura”, “cultural”, para nomear manifestações artísticas.

Por vezes se fala de cultura para se referir unicamente às manifestações artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura. Outras vezes, ao se falar na cultura da nossa época ela é quase identificada com os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema e a televisão. Ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida, a seu idioma. (SANTOS, 1949, p. 22)

O conceito mais amplo da cultura, contribui nessa discussão, no ponto em que a vida social analisada em sua totalidade de crenças, saberes e costumes, intervém diretamente no fazer artístico e em sua organização na sociedade.

Pode-se dizer também, que desenvolvo nesta pesquisa acerca da dimensão sociológica da cultura.

A dimensão sociológica da cultura refere-se a um conjunto diversificado de demandas profissionais, institucionais, políticas e econômicas, tendo, portanto, visibilidade em si própria. Ela compõe um universo que gera (ou interfere em) um circuito organizacional, cuja complexidade faz dela, geralmente, o foco de atenção das políticas culturais. (...) Trata-se de expressão artística em sentido estrito. É nesse espaço que se inscreve tanto a produção de caráter profissional quanto a prática amadorística. É aqui também que existe todo o aparato que visa propiciar o acesso às diversas linguagens, mesmo como prática descompromissada, mas que colabora para a formação de um público consumidor de bens culturais (BOTELHO, 2001, p. 74)

Chamo de Ação Cultural, as ações estruturadas, dentro do campo da Produção Cultural, em diversas linguagens artísticas: espetáculos teatrais, apresentações musicais, exposições de artes visuais e etc.

Em sua maioria, os projetos culturais são regidos pela legislação do setor cultural em uma das esferas administrativas, independendo de seus formatos e linguagens.

Os projetos culturais, podem se dividir nas linguagens que os compõem e pelos formatos de execução. Para exemplificar, trago os segmentos definidos pela

Lei nº 8.313, de 23 de Dezembro de 1991, que institui o Programa Nacional De Apoio à Cultura (PRONAC) da Secretaria Especial da Cultura do Governo Federal:

Art. 25. Os projetos a serem apresentados por pessoas físicas ou pessoas jurídicas, de natureza cultural para fins de incentivo, objetivarão desenvolver as formas de expressão, os modos de criar e fazer, os processos de preservação e proteção do patrimônio cultural brasileiro, e os estudos e métodos de interpretação da realidade cultural, bem como contribuir para propiciar meios, à população em geral, que permitam o conhecimento dos bens de valores artísticos e culturais, compreendendo, entre outros, os seguintes segmentos:

I - teatro, dança, circo, ópera, mímica e congêneres;

II - produção cinematográfica, videográfica, fotográfica, discográfica e congêneres;

III - literatura, inclusive obras de referência;

IV - música;

V - artes plásticas, artes gráficas, gravuras, cartazes, filatelia e outras congêneres;

VI - folclore e artesanato;

VII - patrimônio cultural, inclusive histórico, arquitetônico, arqueológico, bibliotecas, museus, arquivos e demais acervos;

VIII - humanidades; e

IX - rádio e televisão, educativas e culturais, de caráter não-comercial. (BRASIL, 1991)

E pela Lei Complementar nº 934, de 7 de dezembro De 2017 que institui a Lei Orgânica de Cultura do Distrito Federal (LOC):

Art. 49. O financiamento da cultura é destinado aos diversos segmentos artísticos e culturais do Distrito Federal, tais como:

I – artes cênicas, incluindo teatro, dança, circo, ópera, musicais, entre outras manifestações;

II – artes visuais, incluindo pintura, escultura, fotografia, artes digitais, instalações, entre outras manifestações;

III – audiovisual, incluindo rádio e televisão de caráter educativo e cultural, sem caráter comercial;

IV – música;

V – livro, leitura, escrita, literatura e contação de histórias;

VI – infraestrutura cultural, patrimônio material e imaterial cultural histórico e artístico, arquivos e demais acervos;

VII – manifestações culturais gospel e sacro-religiosas e as culturas populares e tradicionais;

VIII – criações funcionais intensivas em cultura, tais como artesanato, cultura digital, design, moda, gastronomia, jogos eletrônicos e animação;

IX – outras formas de linguagem e de expressão cultural e artística. (DISTRITO FEDERAL, 2017)

A ação cultural é tudo aquilo realizado para criar e comunicar através da arte, imbuído de sentido social, político e cultural, sendo este último compreendido como a expressão do conjunto de costumes, crenças e hábitos de um povo.

(...) um processo de ação cultural resume-se na criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas inventem seus próprios fins e se tornem assim sujeitos da cultura, não seus objetos. (COELHO NETO, 1989, s.p.)

Na concepção de uma ação cultural, o objetivo deste, é trazer ao mundo um processo artístico e expô-lo, deixando-o livre para ser moldado pelas interpretações e visões de mundo.

Para executar ações artísticas, é necessário um planejamento que compreenda todas as fases da ação cultural. É nesse momento que surge o projeto cultural: qual objetivo, quais as metas, a quais públicos ele se dirige, por que ele se justifica. O planejar é pensar pedagogicamente as ações.

O projeto cultural é o planejamento das etapas organizacionais dessa ação. Dialogando com o conceito de planejamento para o campo da educação, trazido por Gandin, trago sua conceituação para o campo da cultura:

Planejar é: elaborar, decidir que tipo de sociedade e de homem se quer e que tipo de ação educacional é necessária para isso; verificar a que distância se está deste tipo de ação e até que ponto se está contribuindo para o resultado final que se pretende; propor uma série orgânica de ações para diminuir essa distância e para contribuir mais para o resultado final estabelecido. (GANDIN 1983, p. 7-8)

O planejamento ultrapassa o conjunto de etapas a cumprir e se apresenta também como um ferramenta de construção repleta de ideologias e significados sociais.

Chauí (1995) nos traz o conceito de Cidadania Cultural, em que se tem a cultura como direito dos cidadãos e como trabalho de criação de sujeitos culturais. Neste contexto, os projetos culturais existem para desenvolver formas de auto-organização da sociedade e, sobretudo, das camadas populares, criando o sentimento e a prática da cidadania participativa. Por um lado, tendo autonomia para sua execução e, por outro, sem estar a serviço da indústria cultural. “O projeto cultural colocou-se, portanto, na perspectiva da democratização da cultura como direito à fruição, à experimentação, à informação, à memória e à participação.” (CHAUÍ, 1995, p. 83-84)

A partir das contextualizações apresentadas, assumo o conceito de projetos culturais como um planejamento para realizar ações culturais, centrados no dever do Estado em garantir a todos o pleno exercício dos direitos culturais, como

estabelecido pela Constituição Brasileira de 1988, “Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. (CONSTITUIÇÃO, 1988, Cap. III, s. p)”.

O diálogo do fazer cultural com a defesa de direitos sociais, constrói o campo das iniciativas socioculturais, que trabalha a arte e cultura aliados à redução de desigualdades e inclusão social.

Os projetos socioculturais são uma faceta da transformação do espaço público nacional nos últimos 20 anos. Apesar de diferenças consideráveis, são uma versão atual de um fenômeno que existiu, com pessoas comuns fazendo arte, no Teatro Experimental do Negro, nos anos 1940, e no CPC da UNE nos anos 1960. Os de hoje fazem parte de uma nova forma de ação política que não passa tanto pela mobilização social e pressão sobre governantes mas, pela abertura de avenidas para o reconhecimento da população pobre e negra, através da mídia e da superação, no ambiente da cultura, de hierarquias de classe e raça. (SOVIK, 2014, p. 173)

São pelas ações socioculturais que se busca dialogar com as realidades diversas do público a quem se dirige uma ação. Sovik (2014) afirma que os projetos culturais de arte-educação, ou socioeducativos, têm a incumbência de orientar setores jovens da população pobre do Brasil para a conquista da cidade, usando a cultura como ferramenta de educação para a transformação social.

Os projetos socioculturais acontecem fora dos espaços não escolarizados. As ações socioculturais dialogam com os traços identitários dos indivíduos, os interesses e possibilidades para além da formação profissional:

Hoje, os jovens possuem um campo maior de autonomia frente às instituições do denominado “mundo adulto” para construir seus próprios acervos e identidades culturais. Há uma rua de mão dupla entre aquilo que os jovens herdaram e a capacidade de cada um construir seus próprios repertórios culturais (CARRANO, 2013, p. 25).

A título de exemplo de consonância com as definições sobre os projetos socioculturais, cito o Festival Elemento em Movimento, que apresenta em sua “Proposta Pedagógica Elemento em Movimento 2016”, aspectos do reconhecimento da importância da identidade cultural e de pertencimento por parte de quem está envolvido com o projeto.

O documento foi elaborado para definir os princípios pedagógicos do projeto e foi desenvolvido pela equipe anteriormente ao momento de submissão do projeto ao mecanismo de incentivo e trata da edição realizada no ano 2018:

O referido projeto leva em consideração a importância de se ampliar o acesso às atividades culturais urbanas para promover maior diálogo, cooperação e participação da comunidade em ressignificar os espaços públicos, além da necessidade de redução da violência (REDE URBANA DE AÇÕES SOCIOCULTURAIS, 2015, p. 01).

A ação sociocultural ocorre nos campos da educação e da cultura com foco na ampliação dos direitos e melhorias dos aspectos socioeconômicos através das práticas artísticas.

Com as exposições até aqui apresentadas, onde a arte está relacionada diretamente com educação, é importante discorrer como se dá essa relação entre as duas áreas.

1.1. ATIVIDADES EDUCATIVAS NOS PROJETOS CULTURAIS

Eco (2016, p.153) traz dois aspectos implícitos na noção de obra de arte: a) o objeto completo e definido realizado pelo autor, e b) o objeto sendo desfrutado por uma pluralidade de fruidores. Chamo a atenção para o segundo aspecto, em que, cada indivíduo exerce o ato de fruição com suas próprias características psicológicas e fisiológicas, sua própria formação, cultural e de acordo com o que a situação histórica possibilita. Sendo assim, parte da composição da obra de arte está na relação com quem a aprecia, é quem interage com a obra de arte que completa o sentido daquilo que foi realizado.

A mediação cultural é uma forma de propor interação e integração com o produto artístico cultural. Essas ações estão em iniciativas de arte-educação que complementam exposições artísticas, por meio de cursos, oficinas ou visitas mediadas.

[...] Porque uma exposição não diz tudo, nem a todos, são desenvolvidos programas educativos que vêm complementar a exposição, explorando melhor a temática exposta, e dar resposta às necessidades específicas de diferentes públicos. O envolvimento do próprio público-alvo no desenvolvimento desses programas poderá garantir maior interesse e relevância (VLACHOU, ALVES, 2007. p. 101).

Por mediação entende-se aqui como processo de circulação de sentidos nos diferentes sistemas culturais, operando um percurso entre a esfera pública e o espaço singular e individual dos sujeitos. Trata-se, portanto, de

uma operação cognitiva, simbólica e informal que se faz presente em processos tanto de formação quanto de educação (BARROS, 2013, p.09).

Atuando como ligação entre a arte e o público, a mediação atua como impulsionadora de possibilidades de interpretação artística. A atividade de mediar como uma forma de sistematizar a fruição artística e também pode ser uma ferramenta promotora de acessibilidade e democratização de públicos.

Essas ações, em geral, estão organizadas dentro de **Programas Educativos**, nos quais contribuem para melhor exploração das temáticas expostas dentro de uma curadoria. E, se adaptam para atender necessidades específicas de diferentes públicos.

São por meio desses programas que os museus e centros culturais recebem escolas, organizam visitas guiadas e propõem atividades centradas em determinados grupos.

Na Bienal do Mercosul², um dos primeiros projetos de Artes Visuais no Brasil que ressaltou o caráter pedagógico da arte e cunhou o termo “curadoria educativa”, nos traz a experiência da curadoria e da mediação cultural na 8ª edição da Bienal do Mercosul:

No programa de mediação, deu-se ênfase a essas estratégias indutivas e dialógicas, utilizando-se inclusive as ideias da pedagogia crítica de Paulo Freire e as dinâmicas de grupo de Augusto Boal com a finalidade de se traçar uma linha direta com a rica tradição pedagógica do Brasil (HELGUERA, HOFF, 2011 p. 6).

Historicamente, o conceito de Curadoria Artística consiste em conceber uma programação ou exposição em torno de um conceito ou tema.

No universo das artes, o sentido moderno, tradicionalmente atribuído ao termo, surgiu no contexto dos museus europeus do século XVIII como desenvolvimento da função de conservador. Desde então, a prática da curadoria refere-se, de modo geral, à função daquele que é responsável pela organização de todas as etapas de uma exposição e é popularmente relacionada a uma expressão do gosto, da sensibilidade e do conhecimento do curador (DEGELO, 2016, p.16).

O termo, convencionalmente usado nas Artes Visuais, contempla também as outras linguagens artísticas e seu caráter pedagógico pode ser extremamente relevante para a construção de processos curatoriais. Sendo o curador, o profissional que realiza a escolha de uma programação musical, teatral ou

audiovisual. Será através de sua proposta que o conceito por trás de uma mostra ou festival toma forma e ganha identidade. A Curadoria assume visões de mundo para compartilhar com o público, as escolhas políticas, sociais e estéticas que embasam seu trabalho.

Em caráter de exemplo, aponto a definição curatorial do “Festival Taguatinga de Cinema”, que é um festival audiovisual que acontece há 22 anos na RA Taguatinga do Distrito Federal. Na edição realizada em 2020 foi apresentado os seguintes apontamentos sobre o processo curatorial do projeto:

O Festival Taguatinga de Cinema celebra, desde a sua 1ª edição, em 1998, filmes que investem na construção de novos imaginários a partir de narrativas contra hegemônicas, valendo-se dos corpos que vibram na contramão do panorama de idealização da sociedade de consumo, desafiam tabus e o culto à padronização, migrando da margem para o centro de si mesmos, como forças da Natureza.

Acolhemos, ano após ano, por vocação e missão, filmes engajados no combate às injustiças sociais, às violências estruturais, ao racismo e ao machismo fundantes da sociedade brasileira; filmes que são, ao mesmo tempo, farol e espelho para o público do festival, nutrindo nele, em linguagens múltiplas, o amor e a confiança, a coragem de ser o que se é, a conscientização e o desejo de militância e ativismo político e social. (FESTIVAL TAGUATINGA, festTaguá 2020, 2020)

A partir do trabalho desta curadoria, as obras do Festival Taguatinga dialogam com a possibilidade de construir produções audiovisuais fora da norma vigente da indústria cultural.

O Festival Favela *Sounds* também é um projeto que chama a atenção pela sua curadoria. As escolhas inovadoras a cada edição, apresentam artistas de periferia, por vezes ainda desconhecidos e montam uma programação harmoniosa com representatividade social e racial.

Em 2018, o festival finca sua inspiração no movimento Afrofuturista. Nascido na década de 1960, o Afrofuturismo foi um grito da população negra quanto à sua existência, resistência e à valorização de sua cultura, tornando-se um importante movimento cultural que inspira a importância da identidade negra para a construção do futuro. Essa estética permeia toda a terceira edição do Favela Sounds, sendo base para a identidade visual – criada pelo grafiteiro/artista plástico POMB – e inspiração para a curadoria, que traz nomes como Rico Dalasam (SP), Keila (PA), Hiran (BA) e Flora Matos (DF/SP). (VIDA LOKA, 2018)

FIGURA 1
 IMAGEM DE DIVULGAÇÃO DO FESTIVAL FAVELA SOUNDS 2018 PARA EXPRESSAR O TEMA
 CURATORIAL AFROFUTURISMO



FONTE: Um Nome Produção e Comunicação, Pomb, 2018.

Dentro do campo de Curadoria, surge o conceito de **Curadoria Pedagógica** ou **Curadoria Educativa**, para dirimir o abismo que coloca a mediação cultural como tradução do trabalho da curadoria (BORBA, 2019).

Em meados dos anos 1990 verificamos a recorrência de atividades e projetos que refletem sobre o papel educacional da arte para além de si mesma, perpassando não apenas a criação artística, mas também a função educativa do museu e o trabalho curatorial (BORBA, 2019, p. 224).

Reconhecendo o processo curatorial como um fenômeno educativo, busca-se, no campo da Educação, o embasamento necessário para transpor a obra de arte, para o diálogo com o público que a recebe.

A curadoria contemporânea está marcada por uma volta à educação. Formatos, métodos, programas, modelos, condições, processos e procedimentos educativos penetraram em ambas práticas curatoriais e artísticas contemporâneas e em seus concomitantes quadros críticos. Não significa simplesmente propor que os projetos de curadoria têm adotado cada vez mais a educação como tema mas, em vez disso, afirmar que a curadoria tem operado cada vez mais no sentido de uma práxis educacional expandida (O'NEILL; WILSON, 2010, apud BORBA, 2018, p. 35).

A partir do estudo da ciência da educação, busca-se a fundamentação neste campo para contribuir com a prática artística. Os termos “educativo” ou “pedagógico” apresentados nesse conceito de curadoria, não necessariamente estão vinculados ao ofício de pedagogues. Tratam de artistas, curadores que se empenham em adotar práticas educativas como forma de aprimorar a comunicação da obra de arte.

Como outro formato de atividade educativa dentro de uma programação, temos as atividades formativas, que se firmam como ações educativas declaradas dentro de macroações artísticas-culturais realizadas.

A fim de desenvolver formação artística ou técnica na área cultural, são oferecidas **atividades formativas** dentro da programação dos projetos. Estas formações podem se dirigir ao público geral com o objetivo de criar o interesse inicial em uma determinada área, e/ou para promover uma formação complementar para um público específico.

Como públicos específicos, entende-se artistas e produtores com intenção de ter uma formação específica ou mesmo o público geral frequentador de uma determinada ação que queira se dedicar ao tema. Assim como, as instituições escolares, que se dispõem a receber projetos extracurriculares direcionados aos estudantes.

Como é o exemplo do projeto “Periferia 360º” que, “com o objetivo de qualificar o acesso à cultura urbana, diferentes coletivos do Distrito Federal se uniram para levar oficinas de discotecagem, dança, grafite e pipa a estudantes dos ensinos fundamental e médio da rede pública.” (MARTIMON, 2017)

Tem sido uma tendência nas produções culturais no Distrito Federal ofertar atividades formativas como parte de uma programação ampla que inclui shows, mostra de filmes e espetáculos teatrais.

O “Festival Cena Contemporânea”, evento internacional de Artes Cênicas que acontece desde 1995 em Brasília, e é uma iniciativa de grande referência para a produção cultural do Distrito Federal, descreve suas atividades formativas como,

espaços de encontros e intercâmbio entre artistas locais, nacionais e internacionais, uma oportunidade de troca de informações e experiências, a partir de diversas abordagens criativas e metodológicas propostas pelos convidados e grupos que compõem a programação do Festival. (CENA CONTEMPORÂNEA, 2019)

A partir dessa descrição, entende-se que essas atividades se direcionam à artistas do Distrito Federal como espaço de compartilhamento de experiências voltado para a formação artística de quem participa.

Já no programa “Jovem de Expressão”, ação que acontece há 10 anos na RA Ceilândia, consolidado como propulsor de formação para as áreas de cultura e arte, tem em suas oficinas, outros públicos e objetivos em comparação ao “Cena Contemporânea”:

O Programa Jovem de Expressão oferece oficinas artísticas e de comunicação para fortalecer a diversidade das linguagens culturais e a formação de jovens para atuar na operação e na oferta de produtos culturais. São atividades que promovem a economia criativa centrada nas identidades jovens urbanas e suas mais diversas expressões. (Anuário Jex, 2019, p. 5)

Este desenvolve-se no campo da ação sociocultural, explorando atividades artístico-culturais para trabalhar aspectos da vida social.

Neste capítulo, foram apresentados conceitos em torno do fazer cultural, e as atividades que acontecem nesse campo, compreendendo que tal elaboração é o resultado de preferências, escolhas e objetivos a serem empreendidos.

No próximo capítulo, desenvolverei sobre a formação dos profissionais de Pedagogia e as possibilidades de atuação para além do espaço da sala de aula, dialogando com as atividades educativas até aqui apresentadas.

2. A ATUAÇÃO DE PEDAGOGUES E SEUS CAMPOS DE POSSIBILIDADES

Quando pensamos no profissional de Pedagogia, logo associamos ao exercício da docência em sala de aula na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Por ser o segmento mais habitual e regulamentado para o exercício da profissão, é muito difícil desvencilhar deste rótulo reducionista inclusive entre profissionais de Pedagogia. Quando saímos um pouco disso, a expansão máxima é pensarmos no pedagogo atuando nas áreas de gestão educacional, pedagogia hospitalar ou empresarial.

Historicamente, o curso de Pedagogia no Brasil é visto como uma formação que ensina a ensinar. Estritamente ligado a métodos voltados para o ensino na sala de aula. Essa compreensão da formação em Pedagogia, reduz a visão sobre o campo profissional do pedagogo.

Há, de fato, uma tradição na história da formação de professores no Brasil segundo a qual pedagogo é alguém que ensina algo. Essa tradição teria se firmado no início da década de 30, com a influência tácita dos chamados “pioneiros da educação nova”, tomando o entendimento de que o curso de Pedagogia seria um curso de formação de professores para as séries iniciais da escolarização obrigatória (LIBÂNEO, 2001, p. 6).

E também, como o curso se configura atualmente, a Resolução CNE/CP nº 1, de 15/5/2006 que institui Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia trata da formação do profissional para atuar na docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e abrange a atuação em “outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos”, sem se aprofundar sobre quais são estas áreas.

O campo do educativo é bastante vasto, uma vez que a educação ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades: na família, no trabalho, na rua, na fábrica, nos meios de comunicação, na política, na escola. De modo que não podemos reduzir a educação ao ensino e nem a Pedagogia aos métodos de ensino. Por consequência, se há uma diversidade de práticas educativas, há também várias pedagogias: a pedagogia familiar, a pedagogia sindical, a pedagogia dos meios de comunicação etc., além, é claro, da pedagogia escolar (LIBÂNEO, 2001, p. 7).

Na pedagogia escolar, pedagogues têm as funções de planejar conteúdos pedagógicos, exercer a docência e contribuir na gestão escolar. Ou seja, podem atuar na sala de aula como professor, mas também nas funções de supervisão, orientação ou coordenação pedagógica.

Já pedagogues hospitalares, contribuem com a socialização do educando que está fora da escola, sendo facilitadores do desenvolvimento cognitivo do mesmo.

Na pedagogia empresarial, sua intervenção é no âmbito de gestão de pessoas: treinamento e desenvolvimento de equipe, elaboração de projetos para evolução profissional dentro das organizações e atividades educativas que promovam mudanças no ambiente corporativo.

Como apontado por Libâneo (2001) “há práticas pedagógicas nos jornais, nas rádios, na produção de material informativo, tais como livros didáticos”. Na produção cultural e setor de comunicação, o pedagogo pode atuar como criador de conteúdo, em parceria com outros profissionais, elaborar roteiros e projetos educativos. Assim, intervindo em programas de TV, propagandas informativas e meios de comunicação de massa no geral.

Na área do turismo, estão as elaborações de atividades educativas a fim de contribuir para o conhecimento de um lugar, situando sobre a história e cultura. Esse espaço de atuação dialoga com o trabalho museal. Segundo Libâneo (2001) a presença sistemática e qualificada de profissionais dotados de capacitação pedagógica que atuam em projetos culturais é necessária no campo da mediação educativa. Os processos pedagógicos, mesmo que informais, estão implícitos nas práticas pedagógicas, fundamentais para a orientação da organização da mediação educativa.

Com base nas apresentações de cada modalidade de atuação, o Quadro 1 explica cada ação desenvolvida, espaço de atuação e seus objetivos:

Quadro 1 - Espaços de atuação do profissional de pedagogia

Espaços de formação e atuação do profissional de pedagogia	Ações desenvolvidas	Objetivos
Escola	Participação na organização e gestão da escola, por meio de atividades de estimulação e motivação, organização de conteúdos, domínio dos instrumentos de avaliação da aprendizagem, procurando amenizar as dificuldades de aprendizagem.	Proporcionar a aprendizagem e o desenvolvimento tanto social como cognitivo dos alunos. Coordenar e implantar no estabelecimento de ensino as diretrizes do Projeto Político-Pedagógico. No Regimento Escolar, auxilia o corpo docente, supervisionando o sistema de ensino, proporcionando aprendizagem dentro da escola de forma integral.

Instituição Hospitalar	O pedagogo ou pedagoga deverá ter um conhecimento prévio referente ao paciente, então irá intervir por meio de atividades lúdicas e recreativas para que auxiliem a criança a desenvolver suas capacidades cognitivas, emocionais e sociais.	Favorecer o processo de socialização da criança; dar segmento aos estudos da criança afastada da escola, ajudando, com isso, o processo de adaptação do ambiente hospitalar, motivando a recuperação e proporcionando a continuidade educacional.
Empresas	Planejar, desenvolver e administrar atividades relacionadas à educação na empresa, como treinamentos; elaborar e desenvolver projetos; auxiliar o desempenho profissional dos funcionários da empresa.	Qualificar os profissionais que atuam na empresa, preparando-os para lidar com várias demandas, motivando-os a crescer e a produzir mais dentro da própria empresa.
Meios de Comunicação	Assessorar a difusão cultural e a comunicação de massa.	Elaborar estratégias, atividades e instrumentos que permitam o aprendizado por intermédio dos meios de comunicação.
Sindicatos	Atuar fazendo planejamento, coordenação e execução de projetos de educação formal de qualificação e requalificação.	Qualificar e requalificar o trabalho, habilidades e competências de seus associados no mercado de trabalho.
Turismo	Auxiliar, por meio de atividades educativas, o conhecimento de uma localidade, acompanhada de sua história e cultura.	Contribuir no aprendizado sobre o multiculturalismo, valorizando as diversidades culturais e favorecendo a construção de uma consciência de preservação ecológica.
Museu	Desenvolver atividades educativas dentro desse espaço, juntamente com uma equipe interdisciplinar.	Proporcionar aos visitantes a compreensão da importância da memória cultural e da sua relação com a atualidade.

Fonte: Aquino (2011) apud Alvarez, A., e Rigo, M. (2018).

A formação de pedagogues deve se pautar no conceito de que a Pedagogia é a ciência da educação em sua teoria e prática, abrangendo a sociedade como espaço educativo, compreendendo que todos os espaços são passíveis de intervenção do profissional de Pedagogia enquanto educador.

Embora exista uma recusa explícita de se admitir um campo profissional mais amplo ao pedagogo, a redução do trabalho pedagógico ao trabalho docente significa um sério obstáculo ao desenvolvimento de estudos pedagógicos e da investigação científica na área da educação (PASCOAL, Miriam. 2007, p. 191).

Aprofundando sobre o trabalho de pedagogues em ações culturais, é possível afirmar que curso de Pedagogia nos apresenta conhecimentos teóricos que

possibilitam a reflexão acerca das ações culturais, de forma respeitosa para com os indivíduos envolvidos e seus contextos sociais.

Pela perspectiva da educação libertadora, reconhecer a identidade cultural como parte do processo, é indispensável para pensar práticas pedagógicas. Assim como pensar as práticas pedagógicas dentro das ações culturais são necessárias para realizar ações repletas de sentido social e cultural.

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos, cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos. É isto que o puro treinamento do professor não faz, perdendo-se e perdendo-o na estreita e pragmática visão do processo. A experiência histórica, política, cultural e social dos homens e das mulheres jamais pode se dar “virgem” do conflito entre as forças que obstaculizam a busca da assunção de si por parte dos indivíduos e dos grupos e das forças que trabalham em favor daquela assunção (FREIRE, 1996, s. p.).

Pedagogues trazem a intencionalidade pedagógica que potencializa os processos educativos das ações. É preciso compreender a pedagogia como prática cultural, forma de trabalho cultural que envolve uma prática intencional de produção e internalização de significados (LIBÂNEO, 2001, p. 8).

Arte e pedagogia deixam de ser campos antagônicos e passam a engendrar um novo espaço de atuação, protagonizado por seus respectivos profissionais. Dito em outras palavras, estamos diante de uma acepção singular do termo: a mediação passa agora a constituir, em si mesma, uma modalidade de criação (PUPO, 2011, p. 121).

Assim, a educadora ou educador no fazer cultural, poderá contribuir na qualidade de uma criação ou na comunicação desta, com seu objetivo em apontar caminhos e compartilhar saberes. Pedagogues como organizadores dos processos educativos do ambiente social.

Acima de tudo, educar significa estabelecer novas reações, elaborar novas formas de conduta. (...) O ambiente social é a autêntica alavanca do processo educativo, e todo o papel do professor consiste em lidar com essa alavanca. Não podemos assumir uma atitude indiferente nem igual com relação a todos seus elementos, nem podemos dizer que sim a tudo, só porque isso existe na vida. Portanto, não concordamos com o fato de deixar o processo educativo nas mãos das forças espontâneas da vida. Nunca poderemos calcular antecipadamente que elementos da vida predominarão em nosso educando (VYGOSTKY, 2001, p. 76-77).

3. A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NOS PROJETOS CULTURAIS

A partir da experiência em projetos culturais, desenvolvo neste capítulo os aspectos pedagógicos que permeiam minhas práticas enquanto produtora cultural. Assim, o caminho metodológico desenvolvido para esta parte do trabalho, foi a autonarrativa dessas vivências, que demonstram as possibilidades de atuação de pedagogues nesse campo.

Apresento aqui projetos elaborados por mim e documentos coletivos com a minha colaboração, a fim de demonstrar a atuação como pedagoga e produtora cultural na minha trajetória.

Considerando que as experiências históricas e socioculturais do indivíduo são práticas educativas que podem contribuir para o processo educativo formal, assumo esse espaço como campo de trabalho. As ações culturais estão no contexto das experiências sociais, que contribuem para a construção dos indivíduos.

Trago a experiência do Festival Internacional Pequeno Cineasta que é uma mostra de filmes realizados por crianças e adolescentes entre 8 a 17 anos de diversos países. Dentro da programação do Festival acontecem oficinas para criação de curtas-metragens e os produtos finais das oficinas compõem a programação da mostra.

Em 2018 aconteceu em Brasília (DF), a 2ª edição do projeto. Fui contratada para realizar a produção local do evento, e entre outras funções, responsável por acompanhar a realização das oficinas.

Foram três semanas de criações audiovisuais com crianças a partir de 8 anos. Pude acompanhar o processo de criação dos roteiros feito pelas crianças, o trabalho em equipe, a divisão de tarefas e os conflitos em torno da complexidade em se criar um filme.

Tal evento foi marcado pelo protagonismo e autonomia das crianças. Em uma sociedade que vemos relações autoritárias dos adultos para com as crianças, acompanhar o desenvolvimento das atividades sem intervenções desnecessárias se torna um desafio e a prática, um aprendizado contínuo.

Em espaços recreativos é comum encontrar práticas em que mediadores e tutores tenham o controle das atividades realizadas, um plano a ser seguido que não permite adaptações: “um brincar estruturado, com tempos e espaços definidos, com

monitoramento e autorização de adultos, com regras definidas” (HORN; GRÄBIN; BIRKHEUER, 2016).

Na formação como pedagoga, pude aprofundar nos fundamentos que sustentam essa abordagem de estímulo, fortalecimento da autonomia e respeito pelo saber da criança e adolescente.

O meu respeito de professor à pessoa do educando, à sua curiosidade, à sua timidez, que não devo agravar com procedimentos inibidores exige de mim o cultivo da humildade e da tolerância. Como posso respeitar a curiosidade do educando se, carente de humildade e da real compreensão do papel da ignorância na busca do saber, temo revelar o meu desconhecimento? Como ser educador, sobretudo numa perspectiva progressista, sem aprender, com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes? Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte? (FREIRE, 1996, s. p.)

A experiência do “Festival Pequeno Cineasta” me possibilitou exercitar a prática da escuta e autonomia dos autores, como parte do processo educativo¹.

Não se deve esquecer que a lei principal da criação infantil consiste em ver seu valor não no resultado, não no produto da criação, mas no processo. O importante não é o que as crianças criam, o importante é que criam, compõem, exercitam-se na imaginação criativa e na encarnação dessa imaginação. Na verdadeira encenação infantil, tudo - desde as cortinas até o desencadeamento final do drama - deve ser feito pelas mãos e pela imaginação das crianças, e somente assim a criação dramática adquire para elas todo o seu significado e toda a sua força (VYGOSTKY, p. 100-101)

Em “A Arte de Rimar”, que é uma oficina ministrada pelo rapper Nenzin, com o objetivo de ensinar a rima de forma improvisada em cima de melodias de Rap, iniciei um trabalho em conjunto com o idealizador, para reestruturação do projeto, sua construção pedagógica e planejamento de ações a médio prazo.

Esse projeto acontece de forma transitória desde 2013, em escolas, OSCIPs, unidades de internação, entre outras instituições. Como parte dessa reestruturação foram elaborados projetos para embasar a prática já existente das propostas de oficinas.

A justificativa do projeto apresenta aspectos importantes que envolvem essa ação cultural, desde seu valor social à sua legitimidade educativa e agregadora para a prática da educação.

¹ Ver *Making Of Oficina Pequeno Cineasta 32ª Turma* do Pequeno Cineasta no Centro Cultural Banco do Brasil de Brasília em Janeiro, 2018, durante o II Festival Internacional Pequeno Cineasta Itinerante.

Através do improviso e elaboração de rimas, o MC apresenta no seu discurso o seu conhecimento de mundo, possibilitando diferentes construções desse conhecimento, de acordo com a resposta do seu adversário. O conhecimento a respeito da língua, leitura de mundo e sua trajetória são aspectos que surgem durante a improvisação.

Pretendemos estreitar os laços entre tal manifestação cultural de rua, que é a batalha, com a língua portuguesa e manifestações tradicionais de rima (do trovadorismo aos cordelistas).

A riqueza cultural e educacional da batalha improvisada é o foco a ser explorado no presente projeto (BOTELHO, 2020, p. 3).

Nesta justificativa, é evidente a fundamentação a partir de elementos alicerçados na perspectiva freireana de educação libertadora, reconhecendo o lugar essencial da manifestação cultural enquanto agente educador. Não havendo espaço para a casualidade, a intenção pedagógica, que é prática fundamental desenvolvida no curso de Pedagogia, se faz presente em toda a formulação da proposta do projeto.

Falciroli e Borges (2012) apontam fenômenos educativos significantes no exercício de rima improvisada. A riqueza cultural da ação é dimensão que não deve ser desprezada. É preciso dispor de profissionais atentos a essa dimensão para que não seja desperdiçado seu potencial artístico e educativo.

O freestyle no ambiente em que é produzido e a forma como é produzido pode ser um instrumento para práticas de multiletramentos, uma vez que os enunciadores não apenas usam de seu conhecimento de mundo para a produção de efeitos de sentidos, mas também apoiam-se na multiculturalidade e na diversidade linguística para produzirem enunciados nas batalhas, com o objetivo de convencer a plateia a aderir ao seu discurso, à sua voz (FALCÍROLI, Tariana Leal, BORGES, 2012. p. 10).

A atuação de pedagogues neste projeto, não pretende sobrepor as ações realizadas, nem subestimar seu caráter educativo já presente, mas sim potencializar as ações para melhor desenvolvimento das atividades. Atuar como sujeito organizador das ações, promovendo a ampliação das atividades e os suportes necessários para sua realização.

FIGURA 2
 IMAGEM DE DIVULGAÇÃO DA OFICINA A ARTE DE RIMAR NA AÇÃO SESC VIVA CULTURA



FONTE: Teatro Garagem, SESC-DF, 2020.

No programa Jovem de Expressão, que é um projeto realizado desde 2007 e está em atividade até o presente momento, são ofertadas oficinas formativas para jovens de 18 a 29 anos, em áreas culturais: produção de eventos, interpretação teatral, discotecagem, fotografia, dança, cenografia e produção audiovisual. O programa conta com uma coordenação geral, responsável por toda a sistematização das atividades que acontecem no espaço. Na equipe, há também um consultor pedagógico, responsável por apresentar os objetivos, metas, a história do Programa e organizar a ambientação tanto dos instrutores das oficinas, quanto dos alunos.

Tanto a coordenação, quanto a consultoria, são realizadas por pedagogues, que direcionam o funcionamento do programa a partir de princípios pedagógicos, que se apresentam desde a forma como o espaço é organizado à construção das atividades formativas.

O planejamento e execução do Programa, são realizados por equipes multidisciplinares, mas a presença de pedagogues se destaca no planejamento e execução da ação. Integro hoje, a equipe de elaboração do projeto político-pedagógico, responsável por pesquisar, elaborar e executar tecnologias que contribuam com as metas e objetivos do projeto.

O espaço físico do Jovem de Expressão se organiza para possibilitar o acolhimento e estimular a autonomia de quem frequenta o programa: não há recepção, a entrada e permanência às áreas comuns são livres, todos são responsáveis pela manutenção e cuidado do espaço.

As atividades educativas acontecem desde a organização do espaço à programação de eventos musicais que acontecem na Praça do Cidadão, onde Jovem de Expressão está localizado.

No início de cada ciclo de oficinas são apresentados às instrutoras e instrutores a história da ocupação da praça, a trajetória do programa e como ele é executado. O principal objetivo, é a sensibilização por parte dos educadores, para a história que já existe no território ocupado. Nesse momento, mais uma vez é lembrada a importância da identidade cultural para pensar o desenvolvimento das práticas educativas.

As contribuições de pedagogues perpassam também a democratização de atividades artísticas, pois a aplicação de ferramentas mediadoras trabalham nas esferas de acessibilidade, democratização de acesso e comunicação.

Por mediação entende-se aqui como processo de circulação de sentidos nos diferentes sistemas culturais, operando um percurso entre a esfera pública e o espaço singular e individual dos sujeitos. Trata-se, portanto, de uma operação cognitiva, simbólica e informal que se faz presente em processos tanto de formação quanto de educação (BARROS, 2013, p.09).

As práticas até aqui discutidas, se apresentam como a atuação de uma produtora que, enquanto estudante de pedagogia, viu no exercício da profissão, ações apoiadas pelo campo da educação.

CONCLUSÃO

Este trabalho se propôs a demonstrar como pedagogues contribuem e podem atuar em projetos culturais. E, a partir das ações descritas e relatos apresentados, as possíveis contribuições foram apresentadas.

A análise de como os projetos culturais se organizam pedagogicamente e a identificação de processos educativos nas práticas, puderam ser realizadas a partir da autonarrativa, onde as ações práticas dialogaram com as proposições teóricas de autores trazidos para a pesquisa.

Discorri sobre algumas possibilidades do trabalho de pedagogues em projetos culturais, no entanto, tal pesquisa se mostra introdutória frente ao campo de investigação apresentado até aqui. Considero essenciais, pesquisas sobre o tema tratado neste trabalho, para a valorização de pedagogues em espaços não-formais de educação, bem como para apresentar para egressos do curso de Pedagogia, algumas das possibilidades desta formação profissional.

É necessário avançar na discussão acerca dos campos de possibilidades de trabalho de pedagogues para que se tenham cada vez mais investigações acerca destas variadas atuações.

Visualizo que o campo da educação, no que tange a atuação em ações culturais, obteve avanços a partir das discussões recentes sobre curadoria educativa e mediação cultural, ao avaliarmos que essas pesquisas estão presentes nas atuais reflexões e produções artísticas.

Reconhecer o local de pedagogues na cultura é valorizar a produção de conhecimento artístico sistematizado (SFORNI, 2008, p. 8).

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, A., e RIGO, M.. Pedagogia em ação: o papel do pedagogo e suas diversas atuações. In: **Boletim Técnico do Senac**. Rio de Janeiro: SENAC. v. 44 nº 2 p. 143 - 159, 2018.

BORBA, Andressa Cristina Gerlach. **Curadoria educativa em museus de arte: três perspectivas**. Orientadora: Bruna Wulff Fetter. 2018. 196 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em História da Arte) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/193846>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

BORBA, Andressa C.G.. Sobre o ofício do curador pedagógico: gênese do termo, virada educativa e desdobramentos. **Ícone: Revista Brasileira de História da Arte**, v. 4, p. 218-239, 2019.

BOTELHO, ISAURA. Dimensões da Cultura e Políticas Públicas. **São Paulo em Perspectiva**. v 15. p 73-83, 2001.

BOTELHO, Natália Ferreira. Formulário de Inscrição FAC Apresentações Online. **A Arte de Rimar**. Fundo de Apoio à Cultura. SECEC-DF. Brasília, p. 8, 2020.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF. Out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 08 Out. 2020.

BRASIL. Lei nº 8.313, de 23 de Dezembro de 1991. **Institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac)**. Poder Executivo. Brasília, DF. Dez. 1991. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8313cons.htm>. Acesso em 17 Set. 2020.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Políticas Públicas de Juventude: desafios da prática. In: Elionaldo Fernandes Julião, Soraya Sampaio Vergílio. (org.). **Juventudes, Políticas Públicas e Medidas Socioeducativas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: DEGASE, 2013, v. 1, p. 17-36.

CENA CONTEMPORÂNEA. **A História do Festival**. Disponível em: <<http://cenacontemporanea.com.br/2019/atividades-formativas-19/>>. Acesso em 17 Set. 2020.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). Conselho Pleno. Parecer CNE/CP n. 5/2005. Diretrizes curriculares nacionais para o curso de pedagogia. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 15 Maio 2006.

CORREIO BRAZILIENSE. **Cena Contemporânea abre inscrições para atividades formativas**. Disponível em: <<https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/07/24/intern>>

a_diversao_arte,697140/atividades-formativas-do-cena-contemporanea.shtml>.
Acesso em: 23 set. 2020.

CHAUÍ, Marilena. Cultura política e política cultural. **Estud. av.**, São Paulo, v. 9, n. 23, p. 71-84, Abr. 1995. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 Out. 2020.

COELHO NETO, José Teixeira. **O que é ação cultural**. 1ª edição São Paulo: Brasiliense. 1989, 2017 (Coleção Primeiros Passos). *E-book*.

CUNHA, Renata Cristina da. A pesquisa narrativa: uma estratégia investigativa sobre o ser professor. GT 2. **V Encontro de Pesquisa em Educação**. Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação. 18 a 20 de março de 2009. Universidade Federal do Piauí (UFPI), 2009.

DEGELO, Sarah Caramaschi. **Curadoria musical: contextos, problemas e regulações**. 2016. 83 f. Dissertação (Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19115>>. Acesso em 08 Out. 2020.

DISTRITO FEDERAL. Lei Complementar nº 934, de 7 de dezembro de 2017. **Institui a Lei Orgânica de Cultura do Distrito Federal**. Poder Executivo. Brasília, DF. Dez. 2017. Disponível em:
<http://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/d1b9c61283954b5e927d535e07e631f0/Lei_Complementar_934_07_12_2017.html>. Acesso em 17. Set. 2020.

ECO, Umberto. **A definição da Arte**. 1ª edição. Tradução de Eliana Aguiar. São Paulo: Record, 2019.

FALCIROLI, Tariana Leal, BORGES, Rosângela Rodrigues. Freestyle: manifestação linguístico-cultural. **Revista (Entre Parênteses)**, v. 1, n. 1, 2012. p. 1-13.

FESTIVAL TAGUATINGA. **festTaguá 2020**. Disponível em:
<https://festivaltaguatinga.com.br/index.html#21_anos>. Acesso em 07 Out. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura). *E-book*.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981. 149 p.

GANDIN, Danilo. **Planejamento como prática educativa**. São Paulo, Loyola, 1983.
GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **O que é pedagogia**. São Paulo: Brasiliense, 2006. – 5ª reimpr. da 3ª. edição de 1996 (Coleção primeiros passos). 46 p.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Manual para Uso não Sexista da Linguagem: O que bem se diz**

bem se entende. Porto Alegre, 2014. PDF. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf> Acesso em: 04 Nov. 2020.

HELGUERA, P.; HOFF, M. **Pedagogia no campo expandido.** Porto Alegre: 8ª Bienal do Mercosul, 2011.

HORN, Cláudia Inês; GRÄBIN, Camila; BIRKHEUER, Carine. O Brincar Institucionalizado No Playground De Um Shopping: “Está Perdendo Tempo Aqui do Meu Lado”. **Revista COCAR**, Belém, PA, ano 2016, v. 10, ed. 19, p. 191-209, 28 jun. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/791>>. Acesso em: 4 dez. 2020.

LIBÂNIO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas.** Curitiba: Educar, n. 17, p. 153-176. 2001. Editora da UFPR.

MARTIMON, Amanda. Coletivos oferecem oficinas do Periferia 360° em escolas públicas do DF. **Agência Brasília**, Brasília, s. p., 27 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2017/08/27/coletivos-oferecem-oficinas-do-periferia-360o-em-escolas-publicas-do-df/>>. Acesso em: 8 nov. 2020.

PASCOAL, Miriam. O Pedagogo na Empresa. **Revista Diálogo Educacional**, [S.l.], v. 7, n. 22, p. 183-193, jul. 2007. ISSN 1981-416X. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/4207>>. Acesso em: 04 Nov. 2020.

PEQUENO CINEASTA. **Making of Oficina Pequeno Cineasta - Turma 32.** Rio de Janeiro: 23 Maio 2019. Youtube: Pequeno Cineasta. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=0Y28VP6KyIY>>. Acesso em: 20 Nov. 2020.

PUPO, Maria L. Mediação artística uma tessitura em processo. In **Urdimento: revista de estudos em artes cênicas.** Universidade do Estado de Santa Catarina. Centro de Artes. Programa de Pós-Graduação em Teatro. N17. Florianópolis: UDESC/CEART. 2011, 113-121 p.

REDE URBANA DE AÇÕES SOCIOCULTURAIS. **A Juventude Empreendedora - JEX Anuário 2018.** Brasília, DF. Nov. 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B5luFMqF-x_GNWdraVN2MzlabExiTjd6M0xxYkpCTmMyUjIN/view>. Acesso em: 17 set. 2020.

REDE URBANA DE AÇÕES SOCIOCULTURAIS. **Proposta Pedagógica Elemento em Movimento 2016.** Set. 2015. 11 p. (Arquivos Internos).

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. São Paulo: Brasiliense, 12ª reimpr. da 16ª ed. de 1996, 2006. Original publicado em 1949.

SFORNI, M. S. F. Aprendizagem e desenvolvimento: o papel da mediação. In: CAPELLINI, V. L. F.; MANZONI, R. M. (Org.). **Políticas públicas, práticas**

pedagógicas e ensino-aprendizagem: diferentes olhares sobre o processo educacional. Bauru: UNESP/FC; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

FAVELA SOUNDS. **Afrofuturismo & #FavelaSounds2018: Chama no visu novinnn!**. Brasília 21 de Setembro de 2018; Facebook: /favelasounds. Disponível em: <<https://www.facebook.com/favelasounds/posts/1011588345687231/>>. Acesso em: 07 Out. 2020.

SOVIK, Liv. Os projetos culturais e seu significado social. **Galáxia (São Paulo)**, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 172-182, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532014000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 Out. 2020.

TEATRO GARAGEM. **OFICINA: A arte de Rimar com MC Nenzin.** Brasília, 04 de Agosto de 2020; Facebook: /teatrogaragemdf. Disponível em: <<https://www.facebook.com/teatrogaragemdf/photos/a.926816220741747/3094887987267882>>. Acesso em 29 Nov. 2020

VIDA LOKA. **Festival Favela Sounds 2018 traz cultura e música das periferias do Brasil em programação gratuita.** Disponível em: <https://www.vidaloka.net/festival-favela-sounds-2018-traz-cultura-e-musica-das-periferias-do-brasil-em-programacao-gratuita#Festival_Favela_Sounds_2018_traz_cultura_e_musica_das_periferias_do_Brasil_em_programacao_gratuita>. Acesso em: 07 Out. 2020.

VLACHOU, Maria, ALVES, Fátima. Acessibilidade nos Museus. *In: Serviços Educativos na Cultura*, coleção: Públicos nº 2, cap. III, p. 98, 2007.

VYGOTSKY, Lev S. (Lev Semionovich). **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico.** São Paulo: Ática, 135 p., 2009.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Psicologia da arte.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Original Publicado em 1925.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Psicologia Pedagógica.** São Paulo: Artmed, 2003. Original Publicado em 2001.